



A REPRESENTAÇÃO DA CONDIÇÃO FEMININA NO ROMANCE DE 30: UMA LEITURA DE *O QUINZE* E *SÃO BERNARDO*

Gabriela Lasta (IC-UNESPAR/FECILCAM) gabriela_lasta@hotmail.com

Wilma dos Santos Coqueiro (OR-UNESPAR/FECILCAM) wilmacoqueiro@ibest.com.br

RESUMO: *O Quinze* e *São Bernardo*, romances publicados na década de 30, por, respectivamente, Rachel de Queiroz e Graciliano Ramos, apresentam uma visão crítica das relações sociais e humanas, alçando como protagonistas, respectivamente, Conceição e Madalena, duas figuras femininas intelectuais e professoras. A profissão do magistério faz com que ambas questionem, de forma contundente, a sociedade na qual estão inseridas, o que faz com que possam ser classificadas como heroínas problemáticas, na concepção do crítico literário Alfredo Bosi (1994). Desse modo, o objetivo desse trabalho é discutir o modo como são representadas essas personagens femininas e, conseqüentemente, mostrar como elas problematizam os valores da sociedade patriarcal brasileira nas primeiras décadas do século XX. A análise dos romances respalda-se nos estudos de Dacanal (1986) e Bosi (1994) acerca do romance de 30, bem como nas contribuições teóricas de Almeida (1998), Freyre (2000), Falci (2001) e Assis (2010) sobre a complexa relação feminina com o espaço patriarcal vigente até meados do século XX.

Palavras-chave: Romance de 30. Sociedade patriarcal. Heroínas problemáticas.

O Quinze e *São Bernardo* fazem parte do conjunto de obras escritas a partir de 1928, denominadas romance de 30. Os escritores que elaboraram suas obras, a partir deste período, enfocaram temáticas muito próximas, também sendo chamados, segundo Dacanal (1986) de *regionalistas de 30* ou *neo-realistas*. Segundo o autor, uma das características que entornam o romance de 30 é a verossimilhança, seguindo a tradição da ficção realista/naturalista européia do século XVIII. Isto significa que “o que é narrado é verossímil, é semelhante à verdade. Se não aconteceu, poderia ter acontecido no mundo real, histórico” (DACANAL, 1986, p.13).

Isso faz com que as obras apresentem, em maior ou menor grau, uma intrínseca relação com a sociedade da época, representando, não raras vezes, as estruturas históricas de uma sociedade rural patriarcal em declínio, mas que ainda apresenta

marcas latentes desse sistema social, que perdurou, no Brasil, desde o início da colonização até meados do século XX.

As duas obras reportam-se à sociedade patriarcal nordestina em relação a qual, segundo Miridan Knox Falci (2001), perduraram tradições antigas e específicas, onde nas extensas fazendas de gado ou de algodão a mão-de-obra livre e a escrava conviveram lado a lado. Nesse espaço de miscigenação onde a população de origem portuguesa se mesclou com a negra e a indígena, segundo a autora, “gestou-se uma sociedade fundamentada no patriarcalismo. Altamente estratificada entre homens e mulheres, entre ricos e pobres, entre escravos e senhores, entre ‘brancos’ e ‘caboclos’” (FALCI, 2001, p. 242).

Nesse sentido, dois romances da década de 30 são fundamentais para entender o percurso da mulher brasileira na sociedade brasileira do século XX, são eles: *O Quinze*, publicado em 1930, por Rachel de Queiroz, e *São Bernardo*, publicado em 1938, por Graciliano Ramos. Ambos trazem como protagonistas, ou co-protagonistas, personagens femininas que, de algum modo, desafiam a ordem instituída por uma sociedade patriarcal, que perdurou por séculos, e tentam marcar sua inserção no mundo. Esses romances apresentam Conceição e Madalena como personagens visionárias, que lutam para ter um lugar na sociedade onde vivem, fazendo disso algo revolucionário para uma época na qual eram destinadas apenas aos afazeres domésticos. Ao saírem deste estereótipo estabelecido, elas acabam entrando em conflito com a sociedade e com suas famílias, causando diversas perdas e grandes dissabores.

O Quinze, cuja personagem central é Conceição, foi publicado em 1930, e retrata a grande seca vivida, inclusive pela autora Raquel de Queiroz e sua família, em 1915. Essa obra pode ser considerada como ficção regionalista na medida em que revela, por meio da realidade social e humana representada no romance, uma profunda vivência da região. Por isso, Assis e Santos enfatizam que:

Como todo tipo de arte, a Literatura está vinculada a sociedade em que se origina. Não há artistas completamente indiferentes à realidade, pois, de alguma forma, todos participam e interagem com a sociedade. Partindo das experiências pessoais e sociais, o artista recria a realidade. Ao fazer isso, ele transmite seus sentimentos e idéias. A obra literária é resultado das relações dinâmicas entre escritor e sociedade. Mesmo que a Literatura não esteja necessariamente presa a essa sociedade, é possível acompanhar a

História observando a relação entre suas transformações e os diversos momentos da História da Literatura. (ASSIS, 2010, p.1)

Dessa forma, a obra seria uma precursora do romance de 30 por apresentar uma visão extremamente crítica daquela sociedade das primeiras décadas do século XX, sobretudo no que diz respeito à condição feminina. Este romance narra duas histórias simultaneamente: uma enfocando o vaqueiro Chico Bento e sua família, que tentam se livrar da seca e, conseqüentemente, da fome; outra enfoca a relação afetiva entre Vicente e Conceição. É a partir deste segundo plano narrado na obra que será baseada a análise da personagem Conceição.

Conceição caracteriza-se por possuir grandes qualidades intelectuais, o que não era muito comum no início do século XX, quando se passa a ação da obra. Além de ser professora, ela luta por um lugar na sociedade, utilizando a leitura não só como ferramenta de trabalho, mas como forma de ler criticamente o mundo do qual faz parte, conforme podemos observar na seguinte passagem:

Todos os anos, nas férias da escola, Conceição vinha passar uns meses com a avó (que a criara desde que lhe morrera a mãe), no Logradouro, a velha fazenda da família, perto do Quixadá. Ali a moça tinha o seu quarto, os seus livros, e, principalmente, o velho coração amigo de Mãe Nácia (QUEIROZ, 1990, p.09).

Essas qualidades intelectuais provocam um grande choque em relação aos homens, já que Conceição não consegue aceitar Vicente, o primo fazendeiro a quem estaria destinada a unir-se em laços matrimoniais, por ele não ter o mesmo interesse na leitura que ela, considerando-o restrito a vida do campo e desinteressado, conforme seguinte fragmento:

Foi então que lembrou que, provavelmente, Vicente nunca lera o Machado... Nem nada do que ela lia. Ele dizia sempre que, de livros, só o da nota do gado... Num relevo mais forte tão forte quanto nunca o sentira, foi-lhe aparecendo a diferença que havia entre ambos, de gosto, de tendências, de vida. O seu pensamento, que até há pouco se dirigia ao primo como a um fim natural e feliz esbarrou nessa encruzilhada difícil e não soube ir adiante. (QUEIROZ, 1990, p.126).

Com relação a isto, Almeida ressalta a importância da profissão do magistério para a ascensão feminina no mercado de trabalho. Apesar do fato de que, desde o

início, essa profissão ter sido desvalorizada econômica, social e intelectualmente, representou um início na lenta evolução social feminina. Para a autora,

Apesar de a profissão docente surgir marcada por estereótipos de maternidade, ela representou o primeiro passo dado pelas mulheres, naqueles tempos, para obterem alguma instrução e conseguirem o ingresso no campo profissional. Em que pesem os preconceitos vinculados a condição sexual e às idiossincrasias masculinas, tal profissionalização significou [...] conseguir maior liberdade e autonomia num mundo que se transformava e no qual buscavam ocupar outro espaço que não aquele que lhes reservava a sociedade masculina e andocrática, identificado com a vida do lar, inteiramente dedicada a família e às lides domésticas (ALMEIDA, 1998, p.12).

Em relação a essa emancipação proporcionada pelo exercício da profissão docente, a crítica feminista Constância Lima Duarte (2011) ressalta que tanto na obra *O Quinze* quanto em *São Bernardo*, as personagens femininas são capazes de romper com estereótipos e mostrar um engajamento político não muito comum na época. Para ela, “a profissão do magistério vai dar um novo discurso às mulheres, que se põem a denunciar injustiças, desestruturar verdades, e dão passos decisivos para “tornar-se mulher”, enquanto identidades conscientes e sujeitos da história” (DUARTE, 2011, p. 52-53).

Dessa forma, a evolução social e intelectual feminina no início do século XX foi marcada pelo preconceito e pela incredulidade dos homens em relação à capacidade da mulher em construir sua própria trajetória. Nesse sentido, tanto Conceição como Madalena, sofrem dessa não aceitação de suas capacidades intelectuais e profissionais. Sobre isso, Falci enfatiza que a instrução nem sempre permitia que a mulher saísse do ambiente privado das fazendas e fosse considerada uma cidadã política. Segundo ela, “no sertão nordestino do século XIX, a mulher da elite, mesmo com um certo grau de instrução, estava restrita à esfera do espaço privado, pois a ela não se destinava a esfera pública do mundo econômico, político, social e cultural” (FALCI, 2001, p. 251).

Um aspecto interessante na personagem Conceição é que ela não se submete ao papel tradicional imposto por aquela sociedade na qual a mulher estava destinada ao casamento e à maternidade. Contudo, mesmo sem ter um filho biológico, ela adota o afilhado Duquinha, mostrando o papel de mãe independente dos laços biológicos:

Circunvagou os olhos pela sala, pelos quartos, a mesa cheia de livros, fixou-os em Duquinha que sentado no chão fazia a bruxa cavalgar a lata... – É preciso criar seu ambiente... e até, no meu, brinca uma criança... (QUEIROZ, 1990, p.126).

Considerada por Dacanal (1986) como a obra máxima do romance do neo-realista e classificada como uma tragédia do ciúme e da solidão humana, *São Bernardo*, de Graciliano Ramos, por sua vez, traz como protagonista o fazendeiro Paulo Honório, que narra sua vida marcada pela ambição desmedida e, em consequência disso, pela profunda solidão que o atinge irremediavelmente. Esse romance, escrito durante o ano de 1932, aborda, mesmo que de forma superficial, a revolução constitucionalista de São Paulo, ocorrida no mesmo ano. Por meio do olhar masculino do narrador, ao contrário de *O Quinze*, que tem o foco narrativo centrado na professora Conceição, este romance mostra a vida de um homem amargurado, marcada pela construção de bens e uma vida conjugal conflituosa, devido aos ciúmes do protagonista, às acusações, à violência praticada contra os outros e contra si mesmo, e ao desrespeito nas relações interpessoais, entre outras coisas, até chegar à decadência econômica e social.

E é, neste clima conflituoso, que surge Madalena, co-protagonista do romance, mas que tem sua voz sempre mediada pela do marido. Paulo Honório tinha a ambição de tornar-se fazendeiro. Em pouco tempo, concretizou o seu sonho e, a partir daí, ele ascende social e economicamente. Para conseguir construir seu império, Paulo Honório passou por cima de todos que estavam a sua volta, pois nem pela mulher e pelo filho, ele tinha respeito. Paulo Honório conseguiu ter poder e dinheiro, mas não estava realizado quando se viu sozinho em sua casa e, a partir de então, ele resolve escrever um livro e narrar o que ele acha mais relevante na história: “[...] e já via os volumes expostos, um milheiro vendido [...]” (RAMOS, 1996, p. 05). Ao escrever este livro, Paulo Honório foi movido mais por uma imposição psicológica: ele procura uma justificativa para o desmoronamento da sua vida e do seu fracassado casamento com Madalena, que se suicida. Assim, ele faz um levantamento existencial de sua vida e toda sua dedicação a construção da fazenda São Bernardo. Para Lúcia Helena Viana,

Em *São Bernardo*, a história de Paulo Honório mostra bem o que se passou na economia agrária nordestina. A trajetória por ele percorrida, de “joão-ninguém” a proprietário poderoso e influente, corresponde ao fenômeno da mobilidade social resultante das

transformações históricas e econômicas ocorridas a partir das duas décadas do século anterior (VIANA, 2002, p. 22).

De certa forma, a sociedade molda Paulo Honório, uma vez que ele passa por situações muito difíceis em sua vida, que o tornam seco e duro, conforme ele mesmo afirma na sua narrativa:

Até dezoito anos gastei muita enxada ganhando cinco tostões por doze horas de serviço.” “[...] o delegado de polícia me prendeu, levei uma surra de cipó de boi, tomei cabacinha e estive de molho, pubo, três anos, nove meses e quinze dias na cadeia, onde aprendi leitura com o Joaquim sapateiro, que tinha uma bíblia miúda, dos protestantes.” (RAMOS, 1996, p. 16).

Paulo Honório, uma criança abandonada, foi vítima do trabalho infantil, passou pela cadeia, e teve pouca leitura: “Sofri sede, e fome, dormi na areia dos rios secos, briguei com gente que fala aos berros e efetuei transações comerciais de armas engatilhadas” (RAMOS, 1996, p. 17).

Tudo isto refletiu também na sua relação conflituosa com Madalena, uma vez que, em função do ciúme, ele a leva ao suicídio, conforme podemos observar na seguinte passagem: “Madalena estava estirada na cama, branca da olhos vidrados , espumas no canto da boca.” (RAMOS, 1996, p.168). Com relação a isso, Bosi enfatiza que “Paulo Honório cresceu e afirmou-se no clima da posse, mas a sua união com a professorinha idealista da cidade vem ser o único, e decisivo malogro daquela posição de propriedade estendida a um ser humano.” (2006, p. 403).

Dessa forma, percebemos que Paulo Honório não sabia diferenciar o poder, que sua ascensão social lhe proporcionava, do aspecto afetivo com as pessoas que o cercavam, considerando que independentemente o que for, seja material ou humano é seu, é conquista sua, e Madalena, mulher a frente de seu tempo, não aceitava essa autoridade dentro de sua casa.

Enfim, Paulo Honório vê-se sozinho e resolve fazer uma reflexão existencial por meio de um livro. Ele não encontra mudança dentro dele em particular e, apesar de odiar seu jeito, percebe que não há como mudá-lo. “Para que enganar-me? Se fosse possível recomeçarmos... aconteceria exatamente o que aconteceu. Não consigo modificar-me, é o que mais me aflige” (RAMOS, 1996, p. 188). Moldado de acordo

com o meio patriarcal no qual vivia, ao fazer um retrospecto de sua conflituosa relação com Madalena, Paulo Honório destaca muitas características da esposa, muitas delas consideradas, por ele, como inadequadas para uma moça casada.

Madalena é uma esposa benevolente, que tenta amenizar a situação de cruel exploração do capitalismo, imposta por Paulo Honório aos seus subordinados. A partir daí, é que se inicia um conflito conjugal. Madalena também se opõe ao que é destinado a ela. Ela não permite viver submissa ao marido, nela há o desejo igualitário dentro do casamento e dos negócios.

Ela também apresenta qualidades intelectuais, o que não era considerado adequado para uma mulher na época. Devido a essas qualidades, ela demonstra uma visão crítica e libertária da sociedade, levando-a a ajudar os pobres e oprimidos, conforme trecho: “[...] Literatura, política, artes, religião... Uma senhora inteligente a d. Madalena. E instruída, é uma biblioteca [...]” (RAMOS, 1996, p. 149). Essa visão humanitarista de Madalena faz com que ela, mesmo contra a vontade de Paulo Honório, ajude aos empregados, dando-lhes roupa, educação e ajudando-lhes a cuidar das crianças, conforme trecho seguinte: “Conheci que Madalena era boa em demasia [...]” (RAMOS, 1996, p.100).

O mesmo ocorre com Conceição, que, em uma época de sequeidão e fome, além de ministrar suas aulas diárias, ela dirigia-se até o campo de concentração, onde ficavam os retirantes da seca e ajudava a todos, tratando-lhes e dando um pouco de atenção, conforme seguinte fragmento:

Conceição passava agora quase o dia inteiro no Campo de Concentração, ajudando a tratar, vendo morrer às centenas as criancinhas lazarentas e trôpegas que as retirantes atiravam no chão, entre montes de trapos, como um lixo humano que aos poucos se integrava de todo no imundo ambiente onde jazia. Dona Inácia, as vezes que podia, acompanhava a neta nessa labuta caridosa, em que a moça empregava o melhor de sua natureza. (QUEIROZ, 1990, p.127).

Conforme já ressaltado anteriormente, ambas as personagens demonstram uma visão crítica da sociedade, Conceição sendo uma mulher humanista, com ideais revolucionários e Madalena, estudiosa, sempre em oposição à sociedade em que vive, contra o capitalismo, a exploração, e a submissão:

Conceição, ante aquela ouvinte inesperada, tentou fazer uma síntese do tema da obra, procurando ingenuamente encaminhar a avó para suas tais idéias: - Trata da questão feminina, da situação da mulher na sociedade, dos direitos maternais, do problema... Dona Inácia juntou as mãos, aflita: - E minha filha, para que uma moça precisa saber disso? Você quererá ser doutora, dar para escrever livros? Novamente o riso da moça soou: - Qual o que mãe Nácia! Leio para aprender, para me documentar... (QUEIROZ, 1990, p.124).

Comunista, materialista. Bonito casamento! Amizade com o Padilha, aquele imbecil. 'Palestras amenas e variadas'. Que haveria nas palestras? Reformas sociais, ou coisa pior [...] (RAMOS, 1996, p.138).

Dessa forma, podemos perceber que Conceição tratava de questões que não condiziam com o que era esperado para uma mulher da época. Questões femininas, da posição da mulher na sociedade, dos direitos maternais, não eram assuntos adequados a uma moça de família. O mesmo pode ser observado na personagem Madalena, uma vez que questões sociais não deveriam ser discutidas por uma moça de princípios. Sendo assim, Conceição e Madalena, mesmo sendo reprovadas pelos assuntos que discutiam e as idéias que as dominavam, não deixavam de mostrar seus pontos de vista perante todos.

Gilberto Freyre, logo no início do capítulo "A Mulher e o Homem", que integra a obra *Sobrados e Mucambos*, salienta que: "Também é característico do regime patriarcal do homem fazer da mulher uma criatura tão diferente dele quanto possível. Ele o sexo forte, ela o fraco; ele o sexo nobre, ela o belo". (2000, p.125). Essa caracterização da mulher no sistema patriarcal, evidenciada por Freyre, não condiz com Madalena e Conceição. Elas, ao contrário das mulheres de sua época, não se submetiam as normas impostas pelos homens. Madalena, por exemplo, dava ordens aos empregados de descanso, não ficava cuidando da casa e ia dar aulas, refletia sobre o sistema de governo da época, tinha seu interesse pela política. Do mesmo modo, Conceição, fugindo dos costumes de sua época, decide não se casar e continuar com as suas aulas e suas leituras literárias, políticas e feministas, rompendo, assim, com o padrão feminino daquele início de século.

Em *O Quinze e São Bernardo*, Conceição e Madalena resistem à ordem social imposta, não aceitando aquilo que a sociedade da época determina a elas. Ambas as personagens lutam por sua independência e liberdade e a encontram na educação. Com leitura de livros, de críticas, de idéias universais e dentro do próprio contexto

escolar, elas adquirem essa liberdade, podendo se constituir como sujeitos pensantes por meio de suas leituras. Desse modo, tornam-se o que Bosi (1994), baseando-se nos estudos dos teóricos marxistas Georg Lukács e Lucien Goldmann, denomina de heroínas problemáticas na medida em que questionam os valores daquela sociedade. A denominação de herói problemático encaixa-se tanto em Conceição, quanto em Madalena, uma vez que as duas personagens resistem ao meio social em que vivem. Segundo Bosi:

O 'herói' é sempre um problema: não aceita o mundo, nem os outros, nem a si mesmo. Sofrendo pelas distâncias que o separam da placenta familiar ou grupal, introjeta o conflito numa conduta de extrema dureza que é a sua única máscara possível (BOSI, 1994, p. 403).

Madalena apresenta essas atitudes típicas de uma heroína problemática, pois se opõe a tudo que é destinado à mulher naquele contexto, mostrando autenticidade, não aceitando as condições imposta às mulheres, revelando seu desejo de igualdade social. Da mesma forma, ocorre com Conceição, mulher com uma criticidade forte: ela não aceita seu meio social, o que a sociedade determina como adequado ao papel feminino. Ela não aceita que Vicente, seu suposto pretendente, tenha relacionamentos com outras mulheres, o que na época era comum devido ao que Freyre chama de duplo padrão de moralidade que dava ao homem “todas as oportunidades de ação social, de contatos diversos, limitando as oportunidades da mulher ao serviço e às artes domésticas” (2000, p. 125).

E, principalmente, tendo esse argumento como um dos fatores, não aceita o casamento que é o que mais evidencia seu papel como heroína problemática, ao rejeitar um dos pilares fundamentais da sociedade patriarcal vigente naquele início de século. Como enfatiza Ingrid Stein, tanto o celibato quanto à ordem religiosa eram opções pouco sedutoras à mulher, uma vez que só o casamento conferia à mulher um status social que ela sozinha jamais conseguiria. Para essa autora, “casar-se representava na vida da mulher uma função importantíssima, pois só com isto ela obtinha um status social mais elevado” (1984, p. 32).

Conceição e Madalena se apaixonam pelo mesmo estilo de homem: rústico, fazendeiro, trabalhador, que querem, a todo custo, ver a fazenda crescer e que não

gostam dos estudos mais complexos, conforme podemos observar nos seguintes fragmentos extraídos das obras:

Todo dia a cavalo, trabalhando, alegre e dedicado, Vicente sempre fora assim, amigo do mato, do sertão, de tudo que era inculto e rude. (QUEIROZ, 1990, p.16).

O que é certo é que, a respeito de letras, sou versado em estatística, pecuária, agricultura, escrituração mercantil, conhecimentos inúteis neste gênero. [...] Não obtive, porque elas não me tentavam e porque me orientei num sentido diferente. O meu fito na vida foi apossar-me das terras de São Bernardo, construir esta casa, plantar algodão, plantar mamona, levantar a serraria e o descarçador, introduzir nestas brenhas a pomicultura e a avicultura, adquirir um rebanho bovino regular. [...] Ocupado com esses empreendimentos, não alcancei a ciência de João Nogueira nem as tolices do Gondim. (RAMOS, 1996, p. 9).

Observa-se que as personagens vivenciam relações afetivas frustradas devido à incapacidade de se submeterem as normas impostas às mulheres. Madalena, sempre tomando a frente de Paulo Honório e a lida nas instruções dos empregados, faz com que seu marido a deprecie, pois o que ele deseja é uma mulher como as outras da época, submissa, que sabe seu lugar como mulher casada, que cuida apenas do que lhe convém. Madalena não aceita isso e, dessa forma, ela e seu marido distanciam-se cada vez mais um do outro.

O distanciamento também ocorre na relação entre Conceição e Vicente. Vicente tem seu trabalho e suas preocupações, que são muitas devido ao grande estrago que a seca vem causando na região e em seu rebanho, enquanto Conceição demonstra outras preocupações, como ajudar ao povo necessitado que foge da seca. Assim, eles acabam por distanciar-se um do outro, com interesses distintos.

Mesmo com essas insatisfações das personagens, o leitor provavelmente não espera o desfecho ocorrido nos romances. Conceição decide ficar sozinha e aceitar a vida de professora, criando um menino sem um marido para ajudá-la, alegando que nunca conhecera alguém que valesse a pena. Madalena sofrendo, cansada das privações impostas pelo marido, de seus maus tratos e de seu ciúme doentio, acabou por suicidar-se, conforme mostram os seguintes fragmentos da obras:

Perguntei qual o motivo de sua abstração...

-Estava pensando que Lourdinha é muito feliz...
O rapaz insinuou um galanteio:
-Mas, Dona Conceição, a senhora não tem felicidade igual porque não quer...
Conceição riu:
Quem lhe disse? [...]
Conceição riu novamente:
-Mas se eu nunca encontrei ninguém que valesse a pena! (QUEIROZ, 1990, p.147).

[...] Madalena estava estirada na cama, branca, de olhos vidrados, espuma nos cantos da boca. Aproximei-me, tomei-lhe as mãos, duras e frias, toquei-lhe o coração, parado. Parado. (RAMOS, 1996, p.168).

Com relação ao final da obra *O Quinze*, no qual o amor entre Conceição e Vicente acaba frustrado, Assis e Santos concluem que:

Mais que mera história de um amor irrealizado da mocinha que lê romances franceses e sonha com o primo, moço rude entregue ao trabalho árduo de cuidar de gado, a narrativa de Conceição e Vicente é a história de um desencontro amoroso proposital. Rachel de Queiroz revelou uma percepção de extrema sutileza ao encaminhar distintamente o destino deste casal, cujo enredo em outro romance teria o típico final em que o mocinho casa-se com a mocinha, nesta perspectiva sua narrativa abre uma discussão sobre a questão de gênero. Inicialmente os sentimentos de um personagem para com o outro são descritos como se a possibilidade do casamento entre eles fosse realmente concreta. Porém, se Vicente rompia com a tradicional cultura de que o estudo formava homens de verdade, Conceição rompia com a cultura de que a realização da mulher estava no casamento (ASSIS E SANTOS, 2010, p.3).

A intenção da autora Raquel de Queiroz parece ser realmente a de romper com esta perspectiva que todos esperam: a de um final feliz entre a mocinha e o mocinho, em função da idealização que a sociedade faz de um homem e de uma mulher. Ambos os personagens são desmistificados e apresentam um fim um tanto ideológico, em que eles seguiam o caminho que achavam melhor para suas vidas e não o que a sociedade impunha. Para Kettner: “A frustração de um final romântico entre Vicente e Conceição em *O Quinze* quebra esse estereótipo do feminino.” (2009, p.3). Já, para Furtado e Costa, tanto Conceição como Madalena “não podem ser felizes, pois compartilham o mesmo destino: convivem com a maioria subjugada e dividem com ela o anseio por justiça e o bem comum, talvez por isso sejam marcadas por idéias socialistas.” (2009, p. 95).

Refletindo sobre o desfecho dos romances, constata-se que são condizentes com a realidade que os autores queriam imprimir às obras, ainda mais em uma época

marcada pela cultura patriarcal, na qual as mulheres não tinha vez nem voz. Nesse sentido, é relevante lembrar que o código civil que vigorou no Brasil até 1916, dava ao homem, pai, marido ou outro parente qualquer, o poder de decidir o destino da mulher. Em *São Bernardo* enquanto todos esperam uma reconciliação entre Madalena e Paulo Honório, a história toma outro caminho: o fim trágico de Madalena. Já em *O Quinze*, Conceição persiste em seus ideais, mas ao segui-los acaba ficando sozinha, pois havia algumas interferências que a impediam de ficar com Vicente, mas será que Vicente a aceitaria com suas perspectivas?

A interferência da mulher num mundo dominado exclusivamente pelo homem é capaz de produzir abalos demolidores, *São Bernardo* termina em melancolia e solidão, deixando no leitor a ideia primeira de uma conciliação impossível entre as diferenças, assim como parece impossível conciliar o projeto de desenvolvimento capitalista com a realização satisfatória dos anseios humanos (VIANA, 2002, p. 104)

Com certeza, esse não era o fim que todos os leitores esperavam dos romances *O Quinze* e *São Bernardo*, mas são eles que trazem os verdadeiros valores das personagens, Conceição e Madalena, que impuseram as suas vontades a qualquer custo e que colocaram seus valores acima de qualquer outra coisa imposta pela sociedade patriarcal da época, mostrando-se assim mulheres de posicionamento e garra.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e educação: a paixão pelo possível**. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.

ASSIS, Gabriella Lima de; SANTOS, Claudionor Agüero dos. **História, literatura e gênero**. UFMT: Mato Grosso, 2010.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 32 ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

DACANAL, José Hildebrando. **O Romance de 30**. 2ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

DUARTE, Constância Lima. "A Literatura de autoria feminina no Modernismo dos anos 30". In: ZOLIN, Lúcia Osana & GOMES, Carlos Magno.(orgs.) **Deslocamentos da escritora brasileira**. Maringá: Eduem, 2011.

FALCI, Miridan Knox. “Mulheres do sertão nordestino”. In: PRIORE, Mary Del (org.). **História das mulheres no Brasil**. 5.ed. São Paulo: Contexto, 2001.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mucambos**. 12ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

FURTADO, Alessandra Cristina; COSTA, Maria Carolina. **Mulheres**: retratos da profissão docente através da literatura brasileira. Caderno espaço feminino, 2009.

KETTNER, Michele Nascimento. **Toada Nordestina**: Dissonâncias de vozes femininas no Regionalismo Brasileiro.

PEREIRA, Rogério Silva; BUZZIO, Josiane Corte. **A Madalena Brasileira de Graciliano Ramos**. Mato Grosso do Sul: editora UFGD, 2007.

QUEIROZ, Raquel de. **O Quinze**. São Paulo: Siciliano, 1990.

RAMOS, Graciliano. **São Bernardo**. Rio de Janeiro: Record, 1996.

STEIN, Ingrid. “A Posição Social da Mulher no Rio de Janeiro na Segunda Metade do Século XIX” In: **Figuras femininas de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

VIANA, Lúcia Helena. **Roteiro de Leitura**: *São Bernardo* de Graciliano Ramos. São Paulo: Ática, 2002.